

20179

4468

1



Índio quer provar água do mar...

Assustados com o assédio popular e fascinados pela praia. Essa foi a reação dos índios Zorós, ontem, ao visitarem o mar pela primeira vez na vida. Em Ponta Negra, o grupo entrou na água mas não mergulhou. Alguns provaram o gosto da

água - e não gostaram. Todos estavam usando pintura de guerra. "É para dar mais força", explicou Pandewoup. Os índios estão participando da Fiart, que continua até domingo no Centro de Convenções |

4468



Zorós pareciam assustados com o assédio popular, mas o fascínio com o mar era maior, e mesmo assim apenas entraram na água e sequer mergulharam

Índios vêm mar pela primeira vez

Chegada dos índios na praia despertou a curiosidade de banhistas que acompanharam a visita

Um grupo de oito índios da tribo Zoró, situada na fronteira dos Estados de Rondônia e Mato Grosso, teve ontem o primeiro contato com o mar em Ponta Negra. Eles estão em Natal participando da 1ª Feira Interestadual de Artesanato (Fiart), que acontece até o próximo domingo no Pavilhão do Centro de Convenções.

A chegada dos índios em Ponta Negra, numa camionete, despertou a atenção de banhistas, turistas e barraqueiros. Logo que desceram do carro, eles foram cercados pelos curiosos que perguntavam a origem deles e se falavam português.

Os Zorós pareciam assustados com o assédio popular, mas o fascínio com o mar era maior. Mesmo assim, eles apenas entraram na água e sequer mergulharam. Permaneceram lá por alguns minutos, sempre rodeado por curiosos e a imprensa.

Para superar o medo do mar, os Zorós foram à praia com sua pintura de guerra. "É pra dar mais força", diz Pandewoup, 27 anos, o único Zoró que fala português

bem. A pintura, de tonalidade negra, foi feita com jenipapo.

Pandewoup disse que gostou da praia e que só não mergulhou porque não conhecia "esse tipo de água". O mais velho do grupo, o pajé Payu, de aproximadamente 90 anos (ele não tem certeza sobre

a idade), tem o mesmo pensamento de Pandewoup. "Queria apenas conhecer", disse. "Mas é bom", afirmou o pajé Payu.

Pandewoup, entretanto, reclamou do assédio popular. "Tava muito apertado, mas nós gostamos muito. Outro dia a gente volta",

promete. Após o "banho de mar", eles tomaram uma água de coco numa barraca e seguiram de volta à escola onde estão hospedados em Ponta Negra.

A técnica em Educação Indígena da Funai (Fundação Nacional do Índio), Lígia Neiva, afirmou que os Zorós ficaram como medo do mar. "Mas eles disseram que querem conhecer melhor". Os Zorós devem visitar uma praia deserta no litoral norte hoje.

Entre os curiosos, a estudante Andressa Hackerd disse que estranhou os índios não terem se assustado com o mar. "Fiquei surpresa e vim conferir, mas eles estão tão naturais", observou.

O aposentado José Gorgonha de Melo, que viu índios pela primeira vez no Maranhão, afirmou ter "adorado" rever um grupo de índios. "Eles são ótimos. Onde está armada a maloca?", brinca.

Os turistas que passavam pelo local aproveitaram para fotografar os Zorós. Eles tentavam posar ao lado dos índios. "Não posso perder essa foto", disse uma turista pedindo para que um curioso abrisse espaço.

Índios ficam em Natal até final da semana

Apesar das centenas de produtos da Fiart, os índios Zorós despontam como atração principal. Eles ficam em Natal até o próximo domingo e fazem apresentações de danças indígenas à noite no Pavilhão do Centro de Convenções.

No próximo sábado (horário a definir), os Zorós apresentam o ritual maior da tribo: o de pajelança, que será conduzido pelo pajé Payu. Para isso, eles trouxeram vários equipamentos de Rondônia. A maioria deles artesanal e descartável.

Conhecidos tradicionalmen-

te como Panganhei, que significa povo antigo, os Zorós falam tupi. Em 1977, eles eram 800. Hoje, não passam dos 320.

O artesanato Zoró é feito de diversos materiais. As flechas, por exemplo, têm emplumação de penas de gavião e ponteira fixada com travas de acúleos de ouriço.

Eles também trabalham a cerâmica em tom escuro e constroem produtos de aproveitamento tanto utilitário quanto lúdico, que podem ser encontrados no estande da Funai na Fiart.